

APRESENTAÇÃO

O número 34 de *Debates do NER* apresenta aos seus leitores contribuições de pesquisadores que atuam no Brasil, Argentina, Holanda, Escócia, Suécia e Inglaterra. Confirma, assim, sua vocação para difundir resultados de pesquisas realizadas no país, ampliar o acesso a debates feitos no exterior e promover diálogos entre diferentes tradições teóricas. Neste número, em específico, tal característica está bem representada na seção *Debate*. Nela, o artigo principal é de autoria da antropóloga de origem alemã e formação holandesa Birgit Meyer. Intitulado “A estética da persuasão: as formas sensoriais do cristianismo global e do pentecostalismo”, esse texto é exemplar da produção mais recente de uma das principais pesquisadoras ativas do campo da religião nas ciências sociais. Há mais de uma década, o trabalho de Birgit Meyer tem sido referência fundamental em língua inglesa nos estudos que relacionam religião, mídia e cultura material. Isso se reflete e se potencializa na posição que ela ocupa como coeditora da revista *Material Religion*, desde sua criação. Sua área de estudo manteve-se, ao longo de sua carreira, ligada à antropologia da religião, e seu campo específico de pesquisa manteve-se ligado a diferentes aspectos da religiosidade em Gana, na África Ocidental. O texto apresentado neste fascículo reflete tanto sua pesquisa empírica em Gana quanto seus empreendimentos teóricos sobre religião e materialidade.

Entre outras sínteses possíveis, uma definição bastante difundida do que seja *material religion*, à qual o trabalho de Meyer se associa, está presente no número inaugural do periódico homônimo ao conceito: “Ao nos referirmos a *material religion*, estamos nos referindo à possibilidade de considerar a religião a partir de suas formas materiais e do uso que se faz desses materiais na prática religiosa”. Trata-se, poderíamos dizer, de um movimento que reage ao entendimento da religião e da prática religiosa como fenômenos cognitivos, que ocorreriam inicialmente no plano das ideias e posteriormente

se projetariam em representações materiais. O que está em jogo nessa perspectiva, pelo contrário, é o entendimento de que os materiais, seus usos e a forma de experimentá-los *são* – e não simplesmente refletem – a religião.

De forma ainda mais didática, Birgit Meyer, em um texto intitulado “‘There is a spirit in that image’: mass-produced Jesus pictures and Protestant-Pentecostal animation in Ghana”¹, afirmou: “A abordagem material da religião significa perguntar como a religião ocorre materialmente, o que não deve ser confundido com a pergunta muito menos útil de como a religião é expressa em formas materiais. Os estudos sobre religião material começam com a suposição de que as coisas, seus usos e sua apreciação não são dimensões que se adicionam à religião, mas, pelo contrário, são intrínsecas a ela”. Se, por um lado, é possível argumentar que materiais sempre tenham estado no horizonte de reflexões de cientistas sociais da religião, por outro, é inegável que o deslocamento proposto instituiu novidades para o próprio modo de definir religião e – talvez principalmente – também para o modo de pesquisá-la.

O texto de Meyer publicado neste número aborda diretamente essas questões. A partir dele promovemos um debate, para o qual contamos com a valiosa contribuição de Miriam Rabelo, Renata de Castro Menezes e Ruy Llera Blanes.

Ao debate, segue-se a seção de artigos. Nela destacamos a publicação de três textos de autoria de Clayton Guerreiro, Daniela Nava Le Favi e Luiza Terassi Hortelan. Todos eles receberam menção honrosa no prêmio Jovem Pesquisador, promovido pela Associação dos Cientistas Sociais da Religião do Mercosul. Em parceria com a Associação, os editores da *Debates do NER* saúdam os pesquisadores e com entusiasmo contribuem para a divulgação de seus trabalhos. No texto de Clayton Guerreiro, “Hoje à noite vai ter reteté, pô!”, tematizam-se os conflitos protagonizados por pentecostais da periferia do Rio de Janeiro a partir da análise dos rituais conhecidos como

¹ Esse texto será um dos capítulos de um livro organizado por Emerson Giumbelli, João Rickli e Rodrigo Toniol, que reunirá textos de Birgit Meyer. O livro será publicado pela Editora da UFRGS e tem lançamento previsto para o primeiro semestre de 2019.

“reteté”. Também no campo pentecostal, Luiza Terassi Hortelan analisa o “Eu Escolhi Esperar”, um movimento evangélico em defesa da abstinência sexual antes do casamento. A partir dele, a antropóloga reflete sobre como o amor vem sendo mobilizado pelo movimento a partir de uma gramática fundada em noções como escolha, espera, saúde e inteligência emocional. Daniela Nava Le Favi, por sua vez, avança sobre o universo devocional católico dedicado à Virgen de Urkupiña. Originalmente associada à região de Cochabamba, na Bolívia, essa devoção tem se deslocado juntamente com os migrantes bolivianos que, nos últimos anos, têm se estabelecido na Argentina. Na cidade de Salta, na Argentina, o culto à Virgen de Urkupiña, com marcas de práticas andinas do catolicismo popular, tem mobilizado a hierarquia da Igreja Católica, que luta para discipliná-las.

Ainda nessa seção, o antropólogo argentino Alejandro Frigerio também aborda o tema do catolicismo. Contudo, não o faz no marco da análise empírica, mas cria um ponto de partida para uma metarreflexão que reconhece a tendência católico-cêntrica dos estudos sobre religião na América Latina como um elemento-chave da invisibilização da histórica diversidade religiosa no continente. O tema do catolicismo retorna neste fascículo em dois outros textos. Em um deles, César Portantiolo Maia e Lilian Maria Pinto Sales analisam a Ação Católica no Brasil, a partir de documentos produzidos pelo movimento no início da década de 1960. Ao fazê-lo, apostam na possibilidade de identificar nesse movimento as bases de uma das formas de resposta da Igreja Católica à modernidade. Já no outro artigo, Marcelo Ramos Saldanha, em diálogo com a teologia e com a história da arte, propõe uma análise imagética do altar da Capela Sistina, denominado *Il Giudizio Universale*. As formas de apresentação da dor e do sagrado naquela obra, demonstra Saldanha, são capazes de nos dar pistas sobre disputas teológicas que marcavam o período.

Por fim, Daan Beekers e Pooyan Tamimi Arab, no artigo “Sonhos de uma mesquita icônica”, dirigem sua atenção para a tentativa de produzir um ícone de arquitetura religiosa em Amsterdã. Para tanto, examinam a Mesquita de Fatih, abrigada em uma antiga igreja católica no centro da cidade, e cujo

estabelecimento depende da afirmação de seus vínculos, históricos e atuais, com determinada região da cidade.

Tal como na última edição, neste fascículo também apresentamos aos nossos leitores um ensaio fotográfico. Neste caso, de autoria de John Fahy, intitulado “Samsara”. As imagens acompanham a preparação e o desfecho do Durga Puja, um festival de outono, particularmente popular em Bengala Ocidental. Fahy retrata o ciclo da produção das imagens que povoam o ritual, desde a retirada da argila, nas margens de rios específicos, passando pelo trabalho dos artesãos, que esculpem e pintam os grandes ícones, a devoção durante as festas e, finalmente, a destruição de todo o material. Assim, terminamos este fascículo em diálogo com aquilo que deu início a ele: os aspectos materiais da religião.

Desejamos a todas e todos uma boa leitura.

Rodrigo Toniol

DEBATE